

e. l. bianco

josé maria maria
claudete juberl
sílvia gles

candelas

A BOCA 'SO OU CANDEIAS NOS ANOS 80

Por Pedro Favaro

Candeias é um daqueles cineastas honestos ao mundo e ao que lhes é importante, o que torna o seu modo de filmar - cru, rude, sujo e desprovido de cosmética - muito mais interessante do que a idéia de que a arte reside na estética, ou seja, a estética considerada simplesmente como uma transgressão ou uma vontade de transgredir que supostamente promove uma intelectualização à obra. Candeias filma do jeito que filma por vontade própria, por achar necessário.

Não se sente vontade de viver em um filme de Candeias. São filmes hostis que não ostentam qualquer tipo de glamour. Porém, ele não tem medo da ficção, do surreal e de artifícios que supostamente distanciam da realidade crua presente em seus filmes. Pelo contrário, ele entende que são justamente esses momentos que nos aproximam daquilo que não se mostra, que não se fala, mas que se sente.

Ozualdo Candeias parece ser o cineasta mais fascinado pela Boca do Lixo e os tipos que por lá transitavam nos tempos de glória da Rua do Triumpho. Provavelmente, boa parte das fotografias que existem da Boca devem ter sido tiradas por ele, que tem dois curtas sobre a vida do lugar, Uma Rua Chamada Triumpho 1969/70 (1971) e BocaDoLixoCinema (1976), esse último definido como uma “reportagem” nos créditos iniciais. Uma Rua Chamada Triumpho é composto de filmagens de fotos tiradas por Candeias com uma narração que conta da rua e das pessoas fotografadas. No fim dos anos 80, porém, Candeias faz As Bellas da Billings (1987) numa época em que “a Boca já não é mais aquela”, como diz James, um dos personagens que perambulam pela cidade e pela vida. Essa é uma cena em que James e seu parceiro recém conhecido (um violeiro interpretado por Almir Sater) passam em frente ao Bar Soberano, o “bar dos artistas”. Nessa cena, Candeias desenvolve um olhar extrema-

mente nostálgico e belo, inclusive usando como trilha a música de A Margem. Ele filma companheiros cineastas como Carlos Reichenbach, Ody Fraga, Jairo Ferreira e ele mesmo olhando fotografias. Talvez, ao filmar isso, ele filme a cena mais convidativa do filme, afinal, nostalgia é saudade e essa saudade a gente, que assiste, também sente.

Candeias filma com um olhar de curioso. Curiosidade essa às vezes sem muito pudor e completamente desprovida de nojo. Candeias não coloca luvas ao entrar na cidade e nas pessoas – marginais - que lhe dão vida e que nela trabalham e sobrevivem. Tudo que acontece simplesmente acontece, não existem julgamentos. Por isso mesmo imagino o cinema dele como curioso. Curiosidade e interesse não existem a partir de julgamentos. Figuras recorrentes nos filmes dele são os aleijados. Candeias entendia que não precisava ser aleijado para filmar aleijados. Principalmente no *Bellas da Billings*, mas também em *A Opção*, Candeias exerce um fascínio pela figura do deficiente físico. Ele não julga, não ridiculariza nem os diminui. Ele filma com um olhar fascinado por aquele que arranja jeitos de fazer o que supostamente lhe seria impossível, viver normalmente, trabalhando, se locomovendo, inserido no dia a dia da cidade e na vida de outras pessoas.

Candeias tem 4 filmes realizados durante os anos 80. *A Opção*, ou as *Rosas da Estrada* (1981), *Manelão, o Caçador de Orelhas* (1982), *A Freira e a Tortura* (1983), e *As Bellas da Billings* (1987). Infelizmente, entre esses, o que assisti em melhor qualidade foi *A Freira e a Tortura*.

A Freira e a Tortura é um filme que difere dos outros filmes de Candeias, apesar de ficar bem claro que é um filme dele. O filme é uma adaptação de uma peça, porém muito mais contida do que a adaptação de *Hamlet* que Candeias faz em *A Herança* (1970). *A Freira e a Tortura* é um filme

de encomenda, uma história que talvez nunca pudesse ter vindo do próprio Candeias, mas que ele filma com honestidade ao cineasta (e pessoa) que é. O sexo, assim como em vários de seus filmes – e em todos deles dos anos 80 – é sempre presente e anti-erótico. Em A Opção, o sexo é um meio. Um meio de locomoção e um caminho necessário para outro tipo de vida. Em Manelão, o Caçador de Orelhas, o sexo é nada mais que uma necessidade física, animalesca e desprovida de qualquer significado além da felicidade irracional vinda do próprio ato. Em A Freira e a Tortura, o sexo é tortura psicológica e física. Em As Bellas da Billings, o sexo é somente presente nas duas irmãs de James, Aspásia e Verônica. Aspásia é virgem e sua mãe exige que ela case assim, enquanto Verônica é a “corrompida” (sexo nesse filme é corrupção, e só fazem aqueles já corrompidos). Por conta disso, Verônica às vezes se oferece, por pedido da mãe, para o namorado de Aspásia para “salvar” a virgindade da irmã. Essa família disfuncional, que vive de restos de comida (até as galinhas comem antes), é a família de James.

James - não Jaime, que é nome de pobre - transita entre os marginais de São Paulo durante todo o filme, agregando quase sempre consigo o personagem de Almir Sater, que inclusive se mistura à família e é atraído por Aspásia, assim como ela é por ele. Atração essa incomum aos outros filmes de Candeias dos anos 80, justamente por ser uma atração do olho no olho, e não do olho na bunda. As Bellas da Billings é o penúltimo filme de Candeias, e realmente é possível sentir nele uma essência de “quase-último”, tanto pelo diálogo nostálgico com a Boca do Lixo quanto pelo olhar fascinado sobre os personagens marginais e a cidade de São Paulo, assuntos caros a Candeias dentro de sua filmografia. Se em As Bellas, São Paulo é onde o filme existe e o caminho é feito, em A Opção São Paulo é a chegada, onde o caminho acaba. Ao chegar, Candeias torna

seu olhar às pessoas que lá sobrevivem, ao caminho delas dentro da cidade. Caminho esse mais sem destino que um road trip a lugar nenhum, ou melhor, a qualquer lugar.

Grandes artistas não são aqueles que amam exclusivamente aquilo que é sólido e superficial na arte, mas aqueles que amam e se interessam pelas coisas da vida. Candeias sem dúvidas era interessado nas coisas da vida. Ele viveu como vários de seus personagens, talvez quase tão anônimo quanto, o que o possibilitou filmar sempre de igual para igual. Um cineasta marginal, fazendo um cinema marginal com pessoas marginais.